

Consciência Mundial: por um conceito de desenvolvimento para o século XXI

Danilo Santos de Miranda: Boa noite a todos e a todas. Muita alegria poder recebê-los aqui para ouvirmos o nosso querido professor Edgar Morin. Uma pessoa muito querida nossa, do SESC, do Brasil e de todas as pessoas que refletem discutem e se preocupam com as grandes questões mundiais. Ele que tem nos dado a honra de participar intensamente de uma ampla gama de discussões aqui conosco em São Paulo, em outras partes do Brasil, em outros estados também e mais recentemente no Rio de Janeiro, no SESC do Rio de Janeiro. Uma vez que, através da sua participação aqui conosco no SESC de São Paulo, ele se tornou uma pessoa muito querida e importante para o SESC inteiro e, sobretudo, no SESC do Rio de Janeiro, no departamento nacional, na Escola de Ensino Médio do SESC, em Jacarepaguá, onde ele tem contato com os alunos e professores. Recentemente, participou das discussões em torno da Rio +20, num evento paralelo que aconteceu no SESC do Rio de Janeiro. Mas ele faz questão, todas as vezes que vem ao Brasil, de passar por São Paulo, antes ou depois desses diversos compromissos. Já tivemos a oportunidade, o privilégio extraordinário no SESC, de tê-lo conversando com nossos funcionários, com os nossos assistentes, com os nossos auxiliares, com todos os técnicos do SESC. Numa espécie de internação durante algum tempo num hotel, onde nós pudemos discutir e debater questões relevantes da cultura e do momento atual, numa perspectiva de preparar cada vez melhor o nosso pessoal para o trabalho.

Para nós é realmente um motivo muito especial de alegria tê-lo aqui conosco para esse encontro. Esse encontro, que nós julgávamos que teria alguma repercussão, mas não imaginávamos que seria de tal monta. Não temos espaço suficiente aqui para abrigar a todos de maneira confortável. Eu sei que tem uma parte das pessoas que estão sentadas nas escadas aqui dentro e providenciamos mais algumas salas com telões e televisão pelo prédio de modo a facilitar o ingresso e para que todas as pessoas assistam. Além, naturalmente, de transmitirmos via web para todo o mundo. Por tanto, é com muita alegria que nós convidamos o querido Morin, que inicie sua fala. Nós teremos a oportunidade de ouvi-lo e após, teremos também a oportunidade de debater e de responder a algumas questões. Com vocês: Edgar Morin.

Edgar Morin: Amigas e amigos, obrigada pela sua presença e, sobretudo, pela sua amizade. No final do século XVIII o filósofo Kant, tentando compreender o mundo no qual ele vivia, se colocava essas questões: *O que posso eu saber? Em que posso eu acreditar? O que*

posso eu esperar? O que posso eu fazer? Hoje no 12º ano deste século XXI, antes de tratar da questão do destino do mundo onde nós estamos, onde vivemos, é preciso que nos coloquemos essas perguntas preliminares.

O que posso eu saber? Aparentemente eu posso saber tudo, eu posso ir para Internet, vou ao Google, vou à Wikipédia, vou às bibliotecas: tenho tudo, posso saber tudo. Mas, se pensarmos bem, percebemos que esse saber está disperso, está compartimentado. Na verdade, todos os problemas mais importantes, os problemas globais e os problemas fundamentais que precisam se interligar, mesmo estes estão dispersos. Vemos, na verdade, que não estamos preparados, que nossa maneira de conhecer não está apta a abordar esses problemas. Vemos por exemplo na globalização, nós estamos a acumular todos os relatórios de especialistas, de sociólogos, economistas, antropólogos, mas ao mesmo tempo, não sabemos nada. Por que não sabemos como, nesse fenômeno tão complexo onde tudo está misturado - economia, sociologia, demografia, psicologia, religião - nós não sabemos como interligar tudo isso. Paradoxalmente, nós estamos numa era onde há uma enorme quantidade de saberes e de conhecimentos, mas estamos desarmados diante dos problemas fundamentais de nossas vidas pessoais, de nossa vida de cidadão e da nossa vida de ser humano. Então, eu diria, é preciso reconstruir um saber, um conhecimento, que seja pertinente.

Em quê posso eu crer? No século passado, acreditamos no socialismo, no comunismo, alguns acreditaram no fascismo, ou seja, houve crenças muito fortes. Mas todas elas desmoronaram. Hoje há uma desilusão, um desencanto, o neoliberalismo que se apresentou como uma solução para todos os grandes problemas da humanidade, hoje se revela ele também uma ilusão. Enquanto se pretendia uma ciência ele era apenas uma ideologia. Hoje então começamos a nos perguntar em que podemos acreditar para o futuro da humanidade. Para o destino do nosso planeta. Havia uma grande fé numa lei que acreditávamos histórica, a lei do progresso. Pensava-se que o progresso fosse um movimento irreversível, que iria sempre para o melhor. Mas hoje essa crença também se desintegrou, para nós o futuro não é um futuro melhor, para nós o futuro significa mais incerteza, angústia. E numa situação como esta, será que podemos acreditar no ser humano, podemos acreditar na humanidade? Então ali também, temos um problema, porque, já na época de Kant, havia aqueles que, como o filósofo Hobbes pensavam que os humanos não fossem bons e que era preciso enquadrá-los em leis e em regras, para impedi-los de fazer o mal. Mas havia também Jean Jacques Rousseau que pensava que os seres humanos eram bons por natureza e que era preciso, ao contrário, liberá-los de todos os constrangimentos sociais. Hoje sabemos que o ser humano pode ser bom, pode ser mau. Mas vamos examinar um pouco essa questão que vai ser importante para o problema da esperança.

E o que podemos dizer sobre a esperança. O que podemos esperar? Eu disse que problema continua, nós não sabemos. Podemos temer muitas regressões, podemos temer até mesmo que duas barbáries se unam. A velha barbárie que vinha do fundo dos tempos e que se traduzia pelo desprezo, pelo orgulho, pelo massacre, pelo domínio, com uma nova barbárie que é fria, glacial, técnica, essa do cálculo. E elas começam a se associar hoje. Estamos

desarmados, que será que podemos esperar? E aí, chegamos à questão: que posso eu fazer? Que devo eu fazer? Claro, a esta questão não podemos respondê-la imediatamente. O filósofo Kant dizia que para responder a essas questões era preciso passar pela antropologia, pelo estudo para saber o que é o ser humano, quais são suas capacidades, suas possibilidades. E justamente aí nós vamos descobrir o que eu dizia da globalização, que nós temos conhecimentos múltiplos que, no entanto, não sabemos o que é. E podemos dizer ainda mais isso do humano. O que diz um filósofo chamado Heidegger: nunca tivemos tanto conhecimento sobre o homem, nunca pudemos saber tanto sobre o que ele é, porém, não temos em parte alguma, conhecimento de o que é ser humano. Aqui também vemos que o homem, então, não se define apenas como um animal dotado de razão, como o homo sapiens, mas é também um animal capaz de delírios, de loucuras. E que a mistura da razão e da loucura foram causas de todas as destruições e de todas as criações na história da humanidade. Nós sabemos que o homem não é apenas um técnico que faz ferramentas. O ser humano, desde a pré-história teve uma capacidade de crer em mitos, de crer na vida após a morte, de crer em religiões. E esses dois aspectos não podem ser dissociados. Já se definiu o ser humano como um homo economicus, um ser que é movido pelo seu interesse pessoal, mas sabemos que também somos capazes de dedicar nossa vida, de gastar nossa vida sem pensar assim.

Isso tudo é tão complexo que volto à questão, será que somos bons? Será que somos maus? Aqui é preciso considerar que cada um dentre nós tem dois princípios de vida e de ação. O primeiro é o princípio egocêntrico, ou seja, eu me coloco no centro do meu mundo. E como sou eu o centro do mundo, me considerarei antes de todo o resto. Esse princípio egocêntrico é evidentemente útil para se defender, para se alimentar, para sobreviver, para se proteger contra agressões, mas é evidente também que nos fecha dentro do egoísmo, o mais monstruoso que pode haver. Mas nós temos também um segundo princípio, e esse segundo princípio se manifesta desde o nascimento. O bebê, ele espera um sorriso de sua mãe para sorrir para ela também. Ele espera ser embalado, ele espera ser acariciado. Esse é o princípio não do eu, mas o princípio do nós. O princípio da comunidade, do altruísmo. Esse princípio vai se desenvolver no seio da família que será a primeira comunidade, ele vai se desenvolver na escola também, no trabalho, na nação – o nós pátria. Eu diria até mesmo que esse nós é cada vez mais numeroso, a considerarmos que esse nós não é apenas o nós da nossa nação, da nossa família, do nosso continente. É o nós do nosso conjunto da espécie humana que vive hoje os mesmos problemas fundamentais. Nós somos seres humanos e esse nós deve nos unir numa coletividade humana. Claro que estamos numa época, numa civilização, nessa civilização que se formou no ocidente, na Europa ocidental e que se espalhou pelo mundo e que ainda não destruiu todas as outras civilizações. Ela superdesenvolveu o egocentrismo e, através disso também o egoísmo. Mas também desenvolveu os aspectos positivos do individualismo, que é o senso de autonomia, mas também desenvolveu aspectos negativos como o egoísmo, especialmente o egoísmo. Então, se observa bem que o verdadeiro problema hoje é se podemos esperar que o melhor dos seres humanos venha a ser favorecido, possa ser

ampliado, ser capaz de nos dar esperança. Eu quero ver se eu posso responder a essa questão no final da minha exposição. Vou deixar vocês nesse suspense.

Kant, o filósofo, dizia ser preciso passar pela antropologia. Na época, a antropologia era, digamos, uma mistura de filosofia e de ciência, que considerava o que era o ser humano. Mas hoje a antropologia é o fato de que toda a humanidade vive uma comunidade de destino na Terra, dentro deste processo de globalização, que é ao mesmo tempo uma ocidentalização, que é ao mesmo tempo o desenvolvimento. São três faces de um mesmo fenômeno que criou, ele mesmo, de alguma forma, esse destino comum. Ou seja, todos os seres humanos estão confrontados aos mesmos problemas fundamentais, que são esses de uma economia não regulada em crise, de uma biosfera ameaçada de degradação, ou, que sofre uma degradação cada vez maior. E a cúpula do Rio tampouco pôde tomar uma decisão que fosse capaz de deter esse processo. Temos o mesmo problema com o desenvolvimento das armas de destruição em massa, que se multiplicam em vários países, temos os mesmos problemas fundamentais com a dominação de uma especulação financeira que ela mesma faz tremer os Estados e submete aos povos, como nós vimos na Grécia e em outros lugares. Vivemos então uma época com angústias múltiplas, medos que criam esse fechamento sobre o passado. O retorno a antigos fanatismos, racismos, e outras coisas que, principalmente na Europa e em outros países se desenvolvem cada vez mais. Nós temos esses problemas de vida e de morte em comum.

Mas vamos examinar um pouco esse processo que eu chamei de “era planetária”, que começou com a conquista das Américas, com o Vasco da Gama e que assumiu a forma da globalização, atualmente. Esse processo de fato é um processo ambivalente. Em toda parte ele desenvolve o individualismo com suas qualidades da autonomia e com seus defeitos que é o fechamento egoísta. Efetivamente, em várias regiões do mundo, a juventude teve acesso à autonomia. Pode se casar livre da vontade dos pais ou da família, ela pode desfrutar livremente de prazeres de modo autônomo. Vemos todas essas qualidades, vemos que a globalização criou zonas de prosperidade, a formação de novas classes médias na maior parte de países que chamamos emergentes, como o Brasil. E podemos imaginar que esses sejam aspectos positivos, mas o outro aspecto da globalização é que, se por um lado ela permitiu que uma grande parte da população pobre tivesse acesso ao status de classe média, ela fez também com que outra grande parte dessa população pobre perdesse sua autonomia. Como, por exemplo, os camponeses que antes tinham a sua pequena terra e cuja autonomia desaparece quando são expulsos da sua terra e empurrados para a cidade, e nessas cidades terminam por viver nas periferias. Nas favelas que, atualmente, comportam, em todo o planeta, um bilhão de habitantes. Um bilhão de habitantes em sete bilhões vivem nessa condição próxima da miséria. É preciso dizer também que o progresso da autonomia foi proporcional à destruição da solidariedade das comunidades tradicionais, a solidariedade das grandes famílias, dos tios, dos primos, entre os ascendentes e os descendentes. A solidariedade entre vizinhos, solidariedade de viagem, de trabalho. De certa maneira, esses são os aspectos mais negativos do processo de globalização, que ele próprio está sobre a égide de desenvolvimento. Podemos dizer que

essa noção de desenvolvimento que é uma noção padronizada, quando aplicada da mesma maneira a países de culturas diferentes, a países da América Latina, a países da África Subsaariana, a países das ilhas da Oceania. E ignoramos que cada país, que cada nação, tem a sua cultura. Não apenas as suas tradições, mas também as suas artes de viver, as suas sabedorias, os seus conhecimentos e também as suas ilusões e seus erros. Mas isso é verdadeiro também para a cultura europeia que também tem suas qualidades e que tem também suas carências, entre as quais, a destruição da solidariedade e o desenvolvimento do egocentrismo. Existe, portanto este fenômeno extremamente ambivalente. Aplicamos o mesmo esquema e tendemos a ignorar os valores e as qualidades de cada civilização. De suas formas de medicina, pensem nos pequenos povos indígenas da Amazônia que tem conhecimentos extremamente ricos sobre o mundo vegetal e o mundo animal da floresta na qual eles vivem e tem artes médicas através dos xamãs. Podemos dizer então que o verdadeiro problema é que, ao invés de um processo irreversível destruir a diversidade das culturas por um processo de homogeneização, seria necessário o contrário, que uma política de simbiose oferecesse o melhor da cultura ocidental e que, esse melhor, se ligasse ao melhor das múltiplas civilizações nas quais a globalização existe e atua em todos os continentes.

Eis então um processo ambivalente. Mas existe outra ambivalência fundamental no processo de globalização. Ele é simultaneamente o pior e o melhor que poderia acontecer à sociedade. Porque ele é o pior que poderia acontecer? Porque a nave espacial que é o nosso planeta, ela é carregada pelo desenvolvimento descontrolado da ciência, da técnica, da economia, do lucro, dos fanatismos, e esse desenvolvimento descontrolado que destrói a biosfera, que nos ameaça de morte, está nos levando para catástrofes se não formos capazes de modificá-lo. De fato estamos nos dirigindo para o abismo. Ao mesmo tempo, foi a melhor coisa que podia acontecer para a humanidade, porque pela primeira vez na história humana, os seres de todos os continentes, tem o que eu chamo uma comunidade de destinos. Eles tem essa unidade fundamental. E podem aspirar esperar que a partir desta comunidade, a terra se torne uma pátria, não uma pátria que destrói as diferentes pátrias, mas uma pátria que engloba e ao mesmo tempo respeita as diferentes pátrias. Porque a questão essencial para compreender o fenômeno humano é que é preciso compreender ao mesmo tempo sua unidade e sua diversidade. Sua unidade porque somos todos idênticos ou semelhantes, temos a mesma constituição, anatômica, fisiológica, cerebral, afetiva. Seja qual for nossa cultura, somos todos capazes de rir, de sorrir, de chorar, de amar, de odiar. Existe, portanto, essa unidade fundamental do ser humano. Mas essa unidade sempre se expressa na diversidade. Somos todos parecidos, mas ninguém se parece com o outro. Nem gêmeos monozigóticos, que são idênticos aparentemente, deixam de ter diferenças. O que diferencia a humanidade em relação ao mundo animal é a cultura, a linguagem, as artes, as técnicas. Ora, a cultura não existe, ou melhor, ela só existe através das culturas particulares. A linguagem humana tem em toda parte a mesma estrutura, mas as línguas são diferentes entre si. Não conhecemos a música em si, mas conhecemos as músicas em suas diferenças. E se queremos uma terra pátria, com o desenvolvimento da humanidade, precisamos respeitar e reconhecer essa unidade que nos

une e essa diversidade que é nossa busca. É o caminho que devemos seguir e que nos obriga, de fato, a deixar este caminho como se apresenta hoje.

Agora a questão é como mudar de caminho. Parece impossível, mas vamos refletir um pouco. O passado da humanidade mostra que ela mudou de caminho várias vezes. Em primeiro lugar, sobre a Terra havia sociedades que podemos chamar de arcaicas, pequenas sociedades de coletores e caçadores, que existem ainda, na Amazônia, por exemplo. Essas pequenas sociedades sem Estado, sem agricultura, sem exército, sem classes sociais e elas se difundiram em todos os continentes. Mas em alguns pontos do globo, na Ásia menor, na China, na Índia, na bacia do rio Indo, no México atual e no Peru atual, nos Andes, surgiram civilizações com agricultura, com cidades, com Estado, com religião, filosofia, com classe social, escravidão e guerras. E a história é inseparável da história das guerras. E ainda estamos nessa história, por isso eu penso que é preciso ultrapassar essa história. Não podemos acreditar, como disse o filósofo Fukuyama, que estamos no fim da história e que a humanidade encontrou, enfim, a solução para os seus problemas com: 1) a democracia parlamentar, 2) a economia liberal de mercado. Não. Precisamos pensar que devemos chegar ao fim dessa história, porque essa história ao multiplicar as guerras, ao multiplicar as técnicas de morte, os canhões – a primeira guerra mundial fez milhões de mortos, a segunda fez mais mortos ainda e ainda produziu a arma nuclear que é a maior ameaça que pesa sobre a humanidade – podemos pensar que, atualmente, a história como sinônimo de guerras deve de fato cessar. Eu diria que contrariamente ao pensamento de Fukuyama, a humanidade ainda não encontrou a solução fundamental. A solução não é apenas a democracia parlamentar nem a economia liberal. A solução seria uma sociedade de um tipo novo, seria uma sociedade numa escala mundial que teria uma estrutura totalmente diferente daquela que existe nas sociedades que conhecemos atualmente.

Mas eu poderia exemplificar de outra forma. Na história das ideias, na história das religiões é extraordinário pensar que três grandes religiões nasceram da mensagem de um indivíduo isolado. Seja o budismo, com o príncipe Shakyamuni que teve a revelação do sofrimento da vida e que teve a revelação da mensagem de compaixão que é preciso levar aos seres vivos, como maneira de sair dos ciclos de sofrimento. E foi rejeitada a mensagem de Buda, o iluminado, mas essa sua mensagem saiu da Índia e se espalhou pelo resto da Ásia, pela China, pelo Japão e hoje é uma das maiores religiões do mundo. A mensagem de Jesus de Nazaré que foi uma mensagem desviante no princípio, ele foi o chefe de um pequeno grupo e foi crucificado. Nenhum dos contemporâneos no império romano se deu conta da existência de Jesus, de sua vida, de seu suplício. Foi necessário que Paulo, o perseguidor dos cristãos se convertesse para que realmente se difundisse e nascesse uma religião que, a partir de alguns adeptos, se tornaria uma grande religião no império romano e hoje em todo o mundo. E se considerarmos o caso de Maomé, o profeta do islamismo, ele teve que sair de Meca, ele foi expulso de lá e ele se refugiou em Medina e a partir de sua mensagem, muito rapidamente, uma religião extraordinária se difundiu na Ásia, na África, na Europa. O início das grandes mudanças é sempre modesto. Se vocês considerarem o pensamento revolucionário europeu

que nasceu no século XIX, com o socialismo, com o comunismo e com o anarquismo. Esses pensadores, seja Karl Marx, seja Proudhon, Kropotkin, Bakunin, Fourier, todos esses pensadores eram completamente isolados, não eram reconhecidos pelo mundo intelectual, pelo mundo universitário, eram solitários. E, no entanto, bastaram alguns anos para que nascesse na Alemanha o primeiro partido socialista, o partido social democrata e para que o socialismo, o comunismo e o anarquismo se espalhassem no século XX. Para o melhor e para o pior, por vezes. Então, como vocês podem ver, todos os começos podem ser modestos, mesmo o início da ciência moderna que no século XVII era, sobretudo, obra de alguns espíritos, Descartes, Bacon, Galileu etc. Essa é uma razão para não desesperar, porque é verdade, se seguirmos o caminho atual da história do planeta, é provável que nos dirijamos a uma catástrofe. Mas o provável nunca é o garantido. E o pior nunca é uma certeza, porque na história humana frequentemente o improvável ocorreu, como elemento de salvação.

Eu poderia usar dezenas de exemplos, mas vou usar o exemplo histórico mais belo, o fato de que cinco séculos antes da nossa era, havia o enorme império persa que já havia engolido a maior parte das cidades gregas e que quis tomar de assalto a pequena cidade que era Atenas. Ora, esse império lançou o seu exército, encontrou diante de si o pequeno exército ateniense com seu aliado, Esparta e, de modo muito improvável, os persas tiveram que recuar na batalha de Maratona. Mas eles retornaram e nessa segunda vez eles conseguiram tomar Atenas, eles conseguiram queimá-la, destruí-la, pareciam haver ganhado a guerra, mas a frota grega, que havia se refugiado no golfo de Salamina, fez uma armadilha para a enorme frota persa e conseguiu destruir um após o outro os navios persas. Significa que Atenas foi salva duas vezes de modo totalmente improvável e o resultado dessa salvação foi que, cinquenta anos depois, nascia a democracia e a filosofia. Então, não é porque não vemos uma mudança hoje, que ela não existirá.

Quando imaginamos que o presente será eterno nos enganamos. Pensamos recusar a utopia, mas, como diria o meu mestre, ser realista: que utopia é esta? Ser realista é quem acha que o presente não vai mudar? Não estar consciente das forças subterrâneas que trabalham incessantemente no subsolo das sociedades. Portanto, temos hoje o problema desta realidade que parece tão sólida, começamos a ver que ela está minada por toda parte. Com essas crises que surgem. E podemos pensar que aquilo que parece altamente improvável hoje, pode acontecer. E por que pode acontecer? Em função do seguinte princípio: quando um sistema não é capaz de tratar os seus problemas fundamentais e vitais, o que acontece? Ou esse sistema se desintegra num caos total, ou esse sistema regride e se torna ainda mais bárbaro do que já era, ou esse sistema é capaz de criar nele próprio uma força criadora que o metamorfoseia. Ele cria um metassistema, que este sim é capaz de tratar os seus problemas fundamentais. Hoje esse sistema planetário no qual vivemos é incapaz, eu repito, de tratar os seus problemas vitais, de vida, de morte, seja morte nuclear, seja morte ecológica, seja morte econômica ou guerreira. Ou ele está condenado à desintegração, ou a regressão, a tornar-se ainda mais bárbaro, ou a suscitar esse metassistema. O problema está efetivamente aí. E qual

é o fundamento desta ideia? São as capacidades criadoras que sempre se manifestaram na espécie humana.

O problema da criatividade humana é um problema ainda mais interessante se considerarmos que na maior parte das sociedades estáveis, tão logo os jovens se integrem na sociedade e, pelo caminho da educação, começam a serem domesticados, eles se tornam totalmente domesticados e esta domesticação sociológica é o que age nesses momentos, ela adormece as capacidades criadoras que só se manifestam nos marginais, que são os artistas, os poetas, os músicos, os cientistas. Mas quando uma sociedade está em crise, ou ela pode de fato regredir ou ela pode progredir pela criatividade. É um sistema, diante deste desafio fundamental, pode de fato encontrar forças criadoras para a metamorfose. A metamorfose não é um fenômeno que se observa somente nos insetos, nas borboletas, mariposas, e outros, é um fenômeno próprio da história humana. Pensem que a Europa da idade média, a Europa feudal, ela se metamorfoseou, pelos séculos até chegar no mundo moderno e o mundo moderno pode e deve se metamorfosear. E para isso, não será por ação de uma varinha mágica, é preciso encontrar um caminho novo.

E como encontrar esse novo caminho? Primeiramente eu penso que é preciso encontrar uma visão mais rica, mais complexa dos processos atuais e ver qual é sua parte negativa e sua parte positiva e a partir daí termos um duplo princípio, globalizar e desglobalizar. Vocês sabem que hoje, há certo número de pensadores que insistem na necessidade de desglobalizar, ou seja, de parar esse curso de crescimento e, para eles seria necessário o decréscimo. Mas vejamos, globalizar/desglobalizar significa continuar o que a globalização tem de positivo, modernamente, culturalmente, nas trocas aproveitáveis para uns e outros, mas, ao contrário, lutar contra todas as forças de desigualdade de exploração. Praticadas, por exemplo, nos países africanos, onde as terras são manchadas por empresas multinacionais, sejam ocidentais, chinesas, coreanas, da Arábia Saudita, e todo o lucro da agricultura industrial de exportação vai para esses países reduzindo esses povos à fome. É evidente que nessas nações é necessário proteger sua agricultura local. Desglobalização é se proteger das forças negativas da globalização. Precisamos dessa proteção, que pode ser temporária, e, com ela, salvar esses territórios vivos, salvar essas economias que correm o risco de morrer. Mas ao mesmo tempo, se deve continuar a progredir nas trocas frutíferas. Nesse fenômeno de crescimento e diminuição do crescimento. Essa economia de desperdício, de futilidades, de ilusão é que faz o decréscimo. Pelo contrário, o crescimento seria a economia verde, por exemplo, economia de uma energia limpa, uma economia que mude completamente as condições da nossa economia. Voltarei a isto em alguns instantes. Então, crescimento e decréscimo significa também desenvolver e envolver.

Desenvolver significa continuar o processo que desenvolvem as democracias, as liberdades, as autonomias. Mas ao mesmo tempo envolver, que significa salvaguardar tudo o que permite envolver as pessoas dentro de uma malha cultural comum, dentro desse tecido de solidariedades. Porque um dos maiores problemas hoje é o da solidariedade, não só no nível local, não só no nível nacional, mas no nível do planeta. Um dos grandes problemas que se

levantou na cúpula do Rio de Janeiro, que ultrapassava o caráter tão distinto dos mais de cento e cinquenta estados reunidos e seus problemas particulares, foi o fato de não haver uma consciência de solidariedade forte o suficiente para levar os dirigentes a buscar soluções para esses problemas que nós sabemos mortais. Aqui temos um caminho novo e também uma nova economia. Eu diria uma nova economia e o que chamamos de economia verde não são somente as fontes de energia limpa. Isso tem que ser também uma mudança radical da agricultura e substituição da agricultura industrializada que destrói os solos, que mata os solos, esse abuso de adubos químicos, de pesticidas, essa padronização da alimentação, a pecuária maciça. Tudo isto deve ser substituído por um movimento de adoção de uma agricultura orgânica, uma agricultura tradicional, uma economia de despoluição das cidades, de reumanização das cidades. Uma economia social e solidária. Há toda uma nova economia a ser desenvolvida que é de crescimento e não uma economia de morte, uma economia de desperdício de recursos enormes da indústria de armas que vão para as máfias que se aproveitam da proibição de drogas para enriquecer. E se o conjunto dessas drogas todas tivesse sido liberadas, digamos, é certo que o poder econômico destas máfias desmoronaria. Foi o que aconteceu nos EUA quando houve a lei seca, graças à proibição do álcool as máfias norte-americanas se desenvolveram com sua criminalidade e quando houve a liberação eles não tinham mais esse recurso no álcool, mas foram encontra-lo nas drogas e na prostituição. Nós poderíamos encontrar recursos extraordinários para o nosso planeta se nós pensássemos em todo esse desperdício enorme de dinheiro e de energia da humanidade. Uma nova economia.

O maior problema, contra o qual nós, seres humanos, fracassamos é o acesso a um mundo melhor, a uma sociedade melhor. E, no entanto, vocês sabem, numa época onde havia muitas limitações, cidades submetidas à repressão houve um sonho, que não cessou de estar sempre presente na sociedade, que é o sonho de uma sociedade harmoniosa, justa. Vocês sabem que na antiguidade romana houve uma revolta dos escravos, a revolta de Spartacus, e qual era o objetivo de Spartacus? Uma sociedade de liberdade. E o sonho de harmonia continuou, e esse sonho de uma harmonia nós o colocamos depois da morte, no paraíso, como no islã, como no cristianismo. Mas esse sonho de harmonia voltou para a terra quando, a partir do século XIX, nós pensamos em fazer uma sociedade melhor. Fosse o socialismo ou o comunismo ou o liberalismo, porque o liberalismo queria que se desenvolvesse o indivíduo, o socialismo queria que a sociedade melhorasse e o comunismo queria que o mundo fosse um mundo comunitário, fraternal. E se essas três fontes hoje se unissem, poderiam encontrar-se numa nova encarnação e, talvez, essa seria a nova consciência planetária, o novo humanismo planetário. Que seria necessário efetivamente.

Agora volto a esse problema, seria preciso primeiramente mudar as estruturas sociais e econômicas para mudar a vida dos seres humanos, ou é preciso que nós antes mudemos nossas vidas para depois mudar as estruturas sociais e econômicas. Vamos começar por nós mesmos, ou devemos começar pela sociedade? Vocês sabem que minha experiência mostra que um sem o outro são insuficientes. Na URSS houve a revolução soviética de 1917 que

queria destruir a exploração do homem pelo homem, que queria e destruiu a classe capitalista, a classe burguesa e que pensava ainda em suprimir a religião e não somente ela não conseguiu consolidar uma sociedade harmoniosa, como criou uma sociedade totalitária que, depois de setenta anos desmoronou, provocando o retorno de um capitalismo ainda pior do que aquele que ela havia destruído e de uma religião ainda mais forte do que aquela que ela pensava haver destruído. Foi o fracasso. Não se pode mudar apenas a estrutura econômica e social. É preciso transformar nossas vidas, os indivíduos também. E nisso, encontrei muitas experiências em comunidades assim, principalmente na Califórnia durante os anos sessenta e setenta. Mas lá também após um certo tempo, por causa provavelmente de um ambiente não favorável e do fato de que as pessoas que viviam em comunidade não conseguiam chegar a uma compreensão mútua bastante grande para continuar a viver juntas, essas comunidades se desfizeram. O verdadeiro problema é que é preciso que todas as reformas comecem ao mesmo tempo e se desenvolvam ao mesmo tempo. Reformas de vida, reformas da sociedade, reforma da justiça, do consumo, da agricultura, das empresas etc. Tudo vai mudar e tudo vai começar como pequenos riachos que começam a se desenvolver e a formar rios até formar um grande rio. Isso é, a meu ver, como deve se criar um caminho novo e se isso não se desenvolver tudo vai se esfacelar, se desfazer e aí podemos esperar uma metamorfose.

Mas volto às questões iniciais: **que posso saber?** Primeiramente, agora eu sei que estou cercado por mistérios e incertezas, sei que o conhecimento só pode ser complexo para tratar os problemas fundamentais e globais que são os nossos. Eu sei que o humano é complexo, particularmente dotado de contradições e que há o melhor e o pior no ser humano. Eu sei que se a humanidade correr para sua destruição, o improvável pode acontecer e pode haver um movimento que a faça mudar de caminho e isso pode também acontecer. Em que posso eu acreditar? Posso acreditar nas melhores possibilidades humanas que são o altruísmo, a bondade, a amizade, o amor. Posso acreditar que é preciso lutar contra a crueldade do mundo e contra as barbáries humanas. Posso acreditar que o pior não está garantido e aqui posso citar a fórmula do filósofo grego do século VI antes da nossa era, Heráclito, que diz, se você não procurar o inesperado, você não o encontrará. **Que posso eu esperar?** Posso esperar como disse o improvável. Posso esperar a bondade, a amizade e o amor, posso esperar também isso nos progressos da consciência humana, posso esperar que as forças criadoras sejam capazes de criar um novo mundo e essa metamorfose. Posso esperar que nós possamos ascender à terra pátria muito provavelmente. **Que posso eu fazer?** Bem, eu posso trabalhar para reconstruir o conhecimento e o pensamento. Posso agir em conformidade com minhas aspirações e minhas esperanças. Posso agir pela causa, a maior que já encontrei que é a humanidade, porque essa causa, realmente é absolutamente nova. Até hoje, as causas mais justas tinham uma quantidade, vamos ver um exemplo, já que eu participei de uma causa muito justa, quando a França foi ocupada pela Alemanha nazista, eu fiz parte da resistência francesa e aquela causa era justa e muitos jovens me encontram e dizem, escuta, você teve sorte, naquela época o senhor tinha uma causa justa pela qual dar a sua vida, mas hoje, não temos nada, não podemos acreditar em nada. Mas eu vou dizer, vocês

sabem, primeiramente, a nossa causa era justa, mas ela tinha sombras, claro, nós combatemos para libertar a nossa pátria, mas nós não pensávamos que uma vez aquela pátria libertada, ela retomaria suas colônias, e que mesmo no dia do aniversário da vitória sobre o nazismo, o exercito francês massacraria os argelinos. E depois houve uma guerra cruel para impedir que a Argélia fosse independente e a França voltou a ser colonialista. Então, aquela vitória que deveria torná-la sensível ao sentimento dos países oprimidos por ela, não se tornou. Depois eu tive uma fé na URSS, porque efetivamente ela oferecia a maior resistência ao nazismo, mas como disse Vasily Grossman, autor do livro chamado "Vida e destino", Stalingrado foi a maior vitória e maior derrota da humanidade. Vitória porque foi o primeiro golpe mortal dado no nazismo e a maior derrota porque ela consolidou durante anos o despotismo de Stalin. Vocês vejam que mesmo naquela época havia muitas boas causas, mas havia muitas sombras. Hoje pode ter mais sombras, mas a causa da humanidade não tem nenhuma sombra. Você não pode defender um povo em detrimento de outro. É preciso agir pela solidariedade planetária e é por isso que eu costumo dizer: hoje, não fiquem desencantados, não se sintam derrotados. Vocês tem a causa mais bela e mais justa para se organizarem. É nesse sentido que desejo que possamos avançar. Muito obrigado.

DSM: Muito bem, que maravilha ouvir Edgar Morin com esse entusiasmo, com essa vitalidade. Um homem que, daqui a alguns dias, no dia oito de julho, completa noventa e um anos. Muito bem. Antes de iniciarmos aqui com algumas questões, de antemão, pelo movimento que eu estou vendo não vai ser muito possível responder a todas, estou vendo que várias pessoas já entregaram. Antes disso, gostaria apenas de ressaltar a presença da esposa de Edgar Morin, que está aqui conosco, Sabah Abouessalam.

Diante de tantas questões colocadas e diante de tantas provocações, vamos tentar dar conta através de algumas perguntas que o público está fazendo, naturalmente darei liberdade ao Morin para respondê-las, dentro do tempo razoável, porque são muitas perguntas. Primeira pergunta, feita por um grupo de pessoas.

Na sua opinião, a academia será capaz de superar o seu histórico disciplinar e agregar os diferentes saberes considerando que ainda hoje, até mesmo universidades com propostas inovadoras, possuem dificuldade na implantação e execução de projetos inter e transdisciplinares. Quais as barreiras para que esse problema epistemológico seja resolvido? Assinado por três pessoas: Mariana Morena, Débora Tomasesqui e Isabela Vamalinho.

EM: Obrigada pelas perguntas. Vou começar pelo exemplo de uma mudança improvável que foi como a Europa, tendo passado da universidade medieval que era religiosa em sua essência, como a Europa passou para a universidade moderna, que é aquela que nós encontramos em todos os países. Essa revolução se passou num país, um pequeno país, na época, a Prússia, que tinha um rei que era um déspota esclarecido e um pensador, que aliás conhecia muito bem a América do Sul. Humboldt, teve a ideia de introduzir as ciências modernas, as ciências que se desenvolviam na época, fim do século XVIII, começo do século

XIX, de introduzi-las na universidade sob a forma de departamentos científicos. E assim, ele secularizou a universidade. Essa universidade foi criada em Berlin, no início do século XIX, o modelo logo se transplantou para a Bélgica, para a universidade livre de Bruxelas. Ele se tornou europeu e se tornou a universidade que existe no mundo todo. Bastaria que alguns pontos do globo e, eu gostaria que fosse no Brasil, criássemos uma universidade de um tipo novo na qual introduziríamos os problemas que só podem ser tratados de modo transdisciplinar, para que se tornasse exemplar. Mas é claro, as resistências são enormes, porque as resistências existem tanto nas mentes quanto nas instituições. E por que elas estão nas mentes? Porque é muito difícil para um professor, que é soberano na sua especialidade, acreditar que ele perderá a sua soberania para entrar em um sistema novo. É como uma nação que se vê como soberana, a dificuldade que ela tem para ser vista de outra forma. Quando as lentes começam a amadurecer, quando se cria uma minoria entre os cidadãos, entre os professores, entre os estudantes, então pode surgir uma tal reforma. Eu acredito que hoje as resistências à reforma vital necessária estão se enfraquecendo. Mesmo assim ainda é forte, mas eu tenho esperança nisso.

DSM: Muito bom. Dando sequência às questões. ***Podemos supor que o universo virtual nos forneça o caminho para uma elevação do conhecimento e de sociabilidade que indique a mudança improvável sobre a qual você falou?***

EM: Com certeza algo de novo surgiu no planeta com a Internet, algo que constitui uma espécie de sistema neurocerebral artificial que a partir de agora está presente em toda a parte. Mas encontramos novamente os mesmos problemas que existem para a língua, que permitem dizer que essa força que é a Internet desenvolve o melhor e também o pior. O melhor é, como vimos, percebermos a que ponto esse sistema de trocas por twitter, por celulares, foi importante nas revoltas juvenis, estudantis, entre os jovens da primavera árabe, por exemplo. Vemos também, como um matemático talentoso, como Assange, pode decifrar os segredos escondidos num Estado maior, dos países, dos cofres dos governos, dos bancos. E vimos como o Wikileaks revelou os segredos que pareciam fora de alcance. Existe por tanto uma possibilidade de liberdade de ação neste meio. Minorias inteligentes podem intervir, assim como uma juventude que quer mudar as coisas, mas sabemos também que os Estados podem, hoje, controlar os mínimos fatos e gestos das pessoas. Podem estar nos apartamentos, nas ruas. O poder de emancipação e o poder de escravidão crescem ao mesmo tempo. Essa é a complexidade das coisas humanas. Acho que os conhecimentos que podemos encontrar na Internet podem ser muito úteis na educação. Mas a meu ver, isso não deve eliminar o professor, o mestre, porque é o contato direto, é a paixão que um mestre, que o professor pode colocar no que ele faz, que pode insuflar algo nos alunos. É o contato humano, o contato afetivo que permite transmitir pela emoção um conhecimento, uma vontade de conhecimento. Mas todos os conhecimentos da Internet podem de fato contribuir para a educação. Da mesma maneira, nas relações. Alias, há uma pesquisadora brasileira que escreveu uma tese, cujo título é 'amor.com'. Aí também existe uma ambivalência, de um lado, o filósofo Zigmunt Bauman diz estar revoltado porque um jovem lhe disse 'agora eu tenho duzentos amigos,

graças ao facebook' e Bauman respondeu, eu, com oitenta e cinco anos só tenho três ou quatro amigos. Então, existem estas pseudoamizades de todas essas redes. Mas é verdade, penso nesta tese, 'amor.com' dois seres que se amam podem imediatamente entrar em contato, quando um está na Austrália e o outro está no Brasil. Há uma facilitação das relações de amizade e das relações de amor. Tudo é ambivalente. Por outro lado, existe também o universo virtual, esse universo virtual, é até possível que exista um avatar num mundo virtual, uma *second life*, é possível ter sensações muito concretas enquanto se permanece no imaginário. E isso é algo novo. Algo que a técnica informática permite, mas, de fato, isso está ligado a algo muito antigo: o poder do imaginário no ser humano, o poder dos sonhos, o poder das fantasias, o poder dos mitos. Mesmo na nossa realidade cotidiana, sem ter necessidade deste universo virtual, vivemos de modo semivirtual. Sempre estamos numa certa virtualidade. Então acho que precisamos tentar avançarmos no sentido desse melhor da Internet, do virtual e lutarmos contra o pior. Por exemplo, em relação à informação, é verdade que, com frequência, isso permite a informação em países ditatoriais em que a informação é proibida. Mas existem muitas informações falsas que circulam. Isso nos obriga a ser mais conscientes, mais vigilantes, mais inteligentes, para que esse universo seja realmente útil para nós.

DSM: Muito legal. Uma questão relativa à arte. ***A arte pode fornecer modelos de pensamento e prática para novas formas de encaminhamento dos problemas planetários? Ela pode atuar no espaço em que a filosofia e a teoria parecem ter fracassado?***

EM: Sim, eu creio que, primeiramente, a arte literária, o romance, a poesia. O romance tem essa qualidade que a ciência não tem, a ciência psicológica. Ou seja, o romance pode nos fazer viver na subjetividade dos personagens, ali entramos em um universo onde esses seres estão vivos dentro daquelas relações de amor, de paixão. Nas mesmas situações sociais, históricas do romance. Como "Guerra e Paz" de Tolstói, são universos que nos permitem entender melhor o ser humano, justamente ali, onde as ciências são limitadas. E, sobretudo quando vocês tomam um romance num teatro, num cinema, vocês percebem que quando vocês estão numa sala de cinema, através do fenômeno de empatia que vocês sentem para com os personagens, vocês se tornam melhores do que costumam ser na vida cotidiana. Porque ali, vocês são capazes de entender quando vocês vêem, por exemplo, o poderoso chefe interpretado por Marlon Brando, quando vocês veem um criminoso, mas ao mesmo tempo esse criminoso é um pai, um amigo e, no entanto ele tem aspectos odiosos. Quer dizer, ali vocês podem perceber a complexidade dos seres humanos. Quando vocês veem o Carlitos, o pequeno vagabundo, quando o veem na rua, até desviam do seu caminho, mas no cinema vocês tem simpatia por ele. Simpatia e amizade por pessoas que vocês podem até desprezar na vida cotidiana, mas então, graças ao romance, ao cinema, vocês são melhores. Então, é melhor não se esquecer de ser melhor quando se sai do cinema. Por outro lado, estou convencido de que a poesia é uma forma de aprender uma coisa que é a qualidade poética da vida. Porque a vida, a meu ver, tem duas polaridades, a polaridade da prosa e da poesia. A prosa são aquelas coisas que nós fazemos por obrigação, sem prazer, sem alegria, para

sobreviver. Mas a poesia é aquilo que nos faz viver, é a plenitude, é a amizade, os encontros, os afetos, a alegria e o verdadeiro problema é que cada um deveria compreender que é preciso desenvolver a parte poética da vida. Não se pode jamais eliminar a prosa, mas a tragédia é que muitos seres humanos que estão submetidos, tem apenas raros momentos poéticos em sua existência. Esse também é um problema que é político e social. Eu acho que graças à poesia nós podemos entrar nesse tipo de problema também. Mas também a música, a pintura, todas essas artes, eu acho que as grandes obras nos dão também uma consciência mais rica. Vejam por exemplo, a Capela Cistina, em Roma, no Vaticano. Na Capela Cistina, ali há um afresco onde vemos o despertar de Adão. Naquele afresco vemos o Pai divino, Deus, que estende sua mão para Adão o qual meio reclinado também estende sua mão. Adão tem os olhos abertos, mas ele não vê ainda, ele não existe ainda, vemos esse gesto através do qual Deus vai lhe dar o sopro vital e o que é interessante ali é que no afresco de Michelangelo, vemos pequenos anjos ali que sobrevoam. Deus está sobre uma nuvem, mas vocês veem que Deus, o criador, ele põe a mão nos ombros de uma criatura feminina, que não é um anjo. Michelangelo como que quer dizer que não basta ter um princípio masculino, é preciso também um princípio feminino para a criação. Ele expressou essa sua filosofia na sua pintura, isso de maneira clandestina, porque, evidentemente, não seria tolerado pelos papas. Penso também num último exemplo, um exemplo musical, porque há também em Beethoven, no seu último quarteto de cordas ele quis exprimir toda sua filosofia de vida, toda sua concepção de vida. E ele escreveu na partitura "Muß es sein? Es muß sein!" que quer dizer: será que isso é possível? Sim é possível. Será que esse mundo é aceitável? Será um grito de revolta poder suportar isso? Ele disse sim, é preciso. Isso quer dizer que para se revoltar é preciso aceitar, mas quando se aceita também é preciso também se revoltar. Então, é um duplo princípio, da revolta e da aceitação. Você encontra isso em todas as artes, as artes são assim, através de metáforas, de imagens são coisas complementares a vida, fazem parte da vida. Há um grande problema que a sensibilidade assim como o senso poético da vida é de um tal enriquecimento para os seres humanos que nós devemos fazer tudo para desenvolver essa cultura e essa sensibilidade e é isso que estamos fazendo aqui.

DSM: Olha, estamos gravando tudo. Ainda bem. Tem duas questões que eu vou juntar que falam dessa questão da noção da nacionalidade. ***Como podemos depositar nossas esperanças num conceito abstrato de humanidade, ao mesmo tempo em que assistimos a uma exacerbação das divisões das nacionalidades, dos interesses de grupos.*** E juntando aqui uma outra. ***Em que pontos podemos comparar e diferenciar as noções tradicionais de pátria e a sua concepção de pátria universal?***

EM: Muito bom, há uma coisa que eu deveria ter dito, uma coisa paradoxal. Nós assistimos à unificação técnico-econômica do mundo. Podemos telefonar do Afeganistão para Moscou, de qualquer lugar para qualquer lugar. O mundo está unificado. E, no entanto, essa unificação, invés de criar uma unificação para os povos e para as nações, exacerba as divisões. E é muito interessante, porque, a partir do momento que começou essa unificação, depois da implosão da União Soviética em 1990, houve fenômenos de fragmentação,

desmembramento, dentro da União Soviética, a guerra entre o Azerbaijão e a Armênia, que se tornaram nações hostis umas às outras. A Iugoslávia se partiu em pedaços, sob o ímpeto do nacionalismo sérvio, croata, bósnio. Em todos os lugares do mundo, forças de dissociação, de fechamento apareceram. Isso é que é abstrato, a unificação técnico-econômica não foi a criação de uma unidade humana. Ora, eu penso e repito, a unidade humana deve reconhecer a diversidade, mas as diversidades são complementares. Uma cultura forte é uma cultura aberta, capaz de integrar o que vem do exterior. Ao passo que uma cultura fechada é uma cultura que se desintegra quando veem contribuições externas. Então, existe esse problema atualmente, pelo fato de que a unificação técnico-econômica teria apenas a infraestrutura de uma sociedade que ainda não existe em escala mundial. Sociedades em que existem vínculos afetivos, vínculos entre pátrias. E, não falei em pátria universal, falei em terra pátria e por que essa palavra pátria é importante? Porque pátria começa de maneira paternal, masculina, com P e termina no feminino com o maternal, o IA. Podemos dizer mãe pátria. A autoridade paterna é a autoridade justa, o Estado. A autoridade materna é o amor. O amor que as crianças tem de ter pela mãe e a mãe pelas crianças. Então, não estou falando de uma ideia abstrata de humanidade. É uma ideia concreta hoje, essa de ter uma comunidade de destinos poderá criar sua terra pátria se ela desenvolver sua consciência planetária. Se ela não desenvolver é verdade que o humanismo permaneceu abstrato, como enquanto não havia comunicação entre as nações. O humanismo hoje se torna concreto. Aliás, quando vimos o desastre do Tsunami no Japão e antes na Indonésia, na França e em outros países, como no Brasil, houve um sentimento de solidariedade. Vimos crianças que haviam perdido suas mães, chorando, mães que haviam perdido suas crianças chorarem. E houve doações e muitas doações foram desviadas, foi como durante a catástrofe do Haiti. Então, esse sentimento de solidariedade, esse sentimento de pertencer à comunidade humana, esse princípio do NÓS, ele desperta quando há desastres, porque compreendemos o sofrimento do outro. Mas ele volta a adormecer em outros momentos. Cabe a nós despertar esse tipo de consciência.

DSM: Bem, gente, nós temos aqui muitas perguntas ainda e eu creio que o tempo já está bastante adiantado, mais de uma hora que estamos aqui e, naturalmente, não é muito adequado prolongarmos muito essa conferência, essa exposição do caro Edgar Morin. Tenho perguntas referentes aos intelectuais e à contemporaneidade, a questão do termo da economia verde. São muitas perguntas que chegaram relativas às perspectivas, a comunidade acadêmica, a questão ética, ao comportamento criativo dos jovens, certa luz sobre essa questão, o paradigma de sociedade. Mas como estamos no final desta palestra e como temos o debate recente da Rio +20, da qual Edgar Morin participou, e há uma questão que coloca esse problema eu pediria para finalizar: ***Qual a sua análise dos resultados da Rio +20, existe algum paradigma a ser seguido? O multilateralismo pode ser a regra do planeta unido?*** E com essa resposta nós encerraremos, então, a participação do nosso querido Morin nessa palestra de hoje. Por favor.

EM: Eu considero que a cúpula da reunião da Rio +20 foi um retrocesso e um pequeno passo à frente no processo. O retrocesso foi que voltamos à reunião anterior. A ausência de

decisões, ausência até do que a França havia proposto de criar uma organização internacional distinta capaz de tratar desses problemas. Então, nesse aspecto houve um fracasso. Mas o avanço, qual foi? Alias, é preciso dizer que esse fracasso é compreensível, não só porque, eram mais de cento e cinquenta Estados presentes, cada um com seus interesses particulares, mas também porque não existe uma consciência do perigo planetário comum forte o suficiente para que esses Estados possam ultrapassar seus diferentes interesses e levar em conta um interesse comum. Então, evidentemente talvez seja preciso esperar catástrofes, grandes dificuldades para que possamos progredir. Mas, o importante é que compreendemos que os problemas da biosfera, os problemas ambientais como dizemos, não podem ficar isolados numa esfera e separados de outros problemas da sociedade. Não se trata apenas de um problema de criação de energias limpas, não é só um problema que nos pede para respeitar a biodiversidade, não é só um problema que nos pede para tomar cuidado nas taxas de carbono na atmosfera. É um problema que exige de nós, mudar o sentido da nossa civilização que está fundada na produção quantitativa e que esquece a qualidade da vida. É mudar o sentido das nossas vidas, de pensar que o principal da vida é poder desfrutar da poesia, desfrutar da amizade. As cinco vezes em que fiquei realmente feliz em minha vida, nunca foi por uma questão de dinheiro, foi sempre por uma questão de amor e de amizade. Claro, precisamos levar em conta as questões financeiras, não para multiplicar as fortunas dos grandes bilionários, mas porque o mundo pobre precisa de dinheiro, precisa de moeda para satisfazer suas necessidade. Não podemos negligenciar isso. Mas o que eu acredito é que o problema de desigualdade, não apenas da desigualdade entre as nações, mas a desigualdade no interior das nações, porque a globalização intensificou as desigualdades no mundo, deve ser tratado. O problema de uma nova economia, o problema de um sentido da civilização. Em outras palavras, a Rio +20 permitiu que nós tomássemos consciência de que é preciso ligar esses diferentes problemas. Agora, a questão do multilateralismo. O multilateralismo se tornou uma realidade e será cada vez mais. Isso significa que podemos ter ainda no ar essa hegemonia absoluta dos EUA que continua muito importante, e um ar da hegemonia ocidental europeia, da poderosa Europa. Então, se evidenciam novos países emergentes, que fazem um mundo multilateral. Ora, para que esse mundo multilateral seja possível é preciso o senso de unidade profunda da necessidade vital da terra e dos seres humanos. Em outras palavras, se não houver um progresso na consciência planetária, se não houver um progresso da consciência da terra pátria capaz de aceitar o multilateralismo, então efetivamente nos encaminharemos para o retrocesso. O multilateralismo de toda forma não é de todo uma regressão, porque suprime uma hegemonia dominante por qualquer coisa que hoje nós sabemos ser múltipla, mas de pretensão hegemônica local, como a China. Agora sabemos que não existe uma hegemonia dominante, sabemos que ela se torna múltipla. Mas, sabemos que entre esses países emergentes, o Brasil tem uma qualidade particular, porque é um país democrático, é um país que também tem uma capacidade social e é, principalmente, um país que está aberto para o Atlântico e também para o Pacífico. Está aberto para o Oeste, para o Sul, está aberto para a China e está aberto para a África do Sul. O Brasil é um país que pode hoje assumir uma

missão de ligação entre os diferentes aspectos do planeta. Esse é o meu desejo, efetivamente, que o Brasil possa ir nessa direção.

DSM: Meu caro Morin, meus amigos, tivemos hoje à noite aqui uma oportunidade ímpar de refletir, de pensar a nossa realidade. Morin, sem dúvida nenhuma tem uma mensagem fundamental. Eu gostaria de agradecer a sua enorme contribuição. Sua disponibilidade para um debate, para uma conversa como essa, revela sua juventude de espírito, que faz com que possamos nos entusiasmar diante da vida que temos e que queremos cada vez mais. Eu gostaria de agradecer a todo o pessoal do SESC e a todos o presentes. Temos um encontro marcado para o mês de outubro quando faremos o lançamento de três novos trabalhos do Morin, em português, pela nossa Edições SESC. Portanto, já estão todos convidados, fiquem atentos ao noticiário relativo a esse assunto. Todos aqueles que não tiveram a oportunidade de participar, terão alguma oportunidade de participar do próximo encontro com o professor Edgar Morin, no mês de outubro. Muito obrigado e boa noite a todos.

[Esta palestra pode ser assistida no Portal SESCSP no original - em francês - ou em português pelo áudio da tradução simultânea: www.sescsp.org.br/morin]